



Revista Portuguesa
de

irurgia

II Série • N.º 15 • Dezembro 2010

Histórias à volta de um quadro

Luiz Damas Mora

Devem exigir que eu procure a verdade, não que a encontre.

DIDEROT



Quem sobe a escadaria que dá acesso à Sala dos Actos Grandes da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, também conhecida, vulgarmente, por Faculdade de Medicina do Campo de Santana, depara-se-lhe, na parede fronteira ao primeiro

lanço, um quadro de grandes dimensões da autoria de António Ramalho (1859-1916), discípulo de Silva Porto, e que, como ele, seguiria a escola naturalista, tendo-se notabilizado mais tarde como retratista. Nesse quadro, onde está reproduzida uma intervenção



cirúrgica, vêem-se, para além da doente, dois cirurgiões, um anestesista, um ajudante, (“a ferros”), um médico que se limita a observar a cena e três figuras femininas, provavelmente duas enfermeiras e uma auxiliar. Mas quem são, o que fazem, onde decorre a acção e qual a sua data?

Sempre se disse, e assim vi escrito em vários artigos, que se tratava de uma apendicectomia ou, quando muito, uma laparotomia realizada pelo Prof. Custódio Cabeça. A posição do cirurgião relativamente à doente favorecia a primeira hipótese.

Antes de tentarmos esclarecer estas dúvidas é conveniente dizer algumas palavras sobre as pinturas que decoram a Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e sobre os seus autores.

Cerca de 1901 a Direcção Geral das Obras Publicas escolheu para a execução das pinturas murais da Escola Médico-Cirúrgica os consagrados pintores nacionais António Ramalho, João Vaz, José Malhoa e Velloso Salgado, sendo os esboços dessas pinturas enviados à Academia Real das Bellas Artes para apreciação. Os espaços a decorar deveriam ser a sala dos actos, a sala da recepção, também denominada gabinete real, e a escadaria principal. Para esta última foi designado António Ramalho que pelo seu trabalho receberia “2.500\$000 réis”. Antes da sua execução, as obras foram ainda apreciadas e criticadas pelo Conselho Superior dos Monumentos Nacionaes e por uma Comissão da Escola Médico-Cirúrgica composta pelos Professores Bettencourt Pitta, José António Serrano e Ricardo Jorge. O parecer desta comissão terminava com as seguintes palavras: *“É necessário, porém, que a ocasião e o local, que se não repetem, sejam aproveitados em cheio. Glorifiquem as paredes pinceladas o que haja de grande na medicina da nossa terra, enquadrada n’uma pintura moderna e real. Eis o voto da Escola, que nas próprias tradições e exemplos das impressões da medicina na arte, encontraria justificação plena, se mais alguma carecesse”*.

Ao que parece, por questões de política interna, o tema e os protagonistas deste quadro não terão tido aprovação unânime por parte dos professores da Escola.

Mas, afinal, quem está representado no quadro de Ramalho que hoje nos propomos analisar?

A figura central, de frente, é o Prof. Custódio Cabeça (1866-1936), prestigiado catedrático de Clínica Cirúrgica de quem Jaime Celestino da Costa disse ser “excelente cirurgião, clínico e professor”, e que era muito admirado por Reynaldo dos Santos que o considerava seu mestre. Foi presidente da Sociedade das Ciências Médicas. À sua frente está o, então, Dr. Augusto Monjardino (1871-1941) discípulo dilecto de Cabeça e que viria a ser, entre outras funções que desempenhou, Cirurgião dos Hospitais, professor de Ginecologia da Faculdade de Medicina de Lisboa e criador e primeiro director da Maternidade Dr. Alfredo da Costa (ver revista Portuguesa de Cirurgia, II série, nº 14, Setembro de 2010). À cabeceira da doente, tomando-lhe o pulso e no papel de anestesista (também chamados, então, “chloroformisadores-ajudantes”), está o Dr. Sena Pereira, futuro cirurgião dos Hospitais para os quais entraria por concurso em 1910 e que seria Director de Serviço dos HCL. Como se sabe, não havia então especialidade de anestesia e os cirurgiões revezavam-se nesta função.

Junto à janela, o Dr. Luis Adão (1887-1968), posteriormente Cirurgião dos Hospitais, Director de Serviço no Hospital de Santo António dos Capuchos e professor de Clínica Cirúrgica, e à direita, o Dr. Costa Sacadura (1877-1966) que ascenderia à cátedra de Obstetrícia e seria Cirurgião dos Hospitais, Director da Escola de Enfermagem Artur Ravara, Director das maternidades Magalhães Coutinho e Dr. Alfredo da Costa e Presidente da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa. Trata-se, de um grupo médico notável em que estão representados, na actualidade, um professor catedrático e director de serviço de cirurgia, e futuramente, três professores catedráticos, três presidentes da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa e quatro directores de serviço de cirurgia.

E quanto às restantes personagens que figuram no quadro, a doente, as enfermeiras e uma auxiliar, será possível identificá-las? As três últimas não, mas sobre a doente estamos hoje em condições de revelar alguns dados curiosos que poderiam constituir uma pista que



não quisemos seguir porque o segredo profissional (não esqueçamos que a nossa revista é acessível ao público) não tem prazo de validade...

O acaso é um bom auxiliar de qualquer investigador. Guardadas as devidas proporções veja-se o caso da Penicilina com Flemming ou dos raios-x com Röntgen. Quis o acaso que um dia, de passagem pelo Hospital de Santa Marta, fosse visitar no seu gabinete o Director do Serviço de Angiologia e Cirurgia Vas-

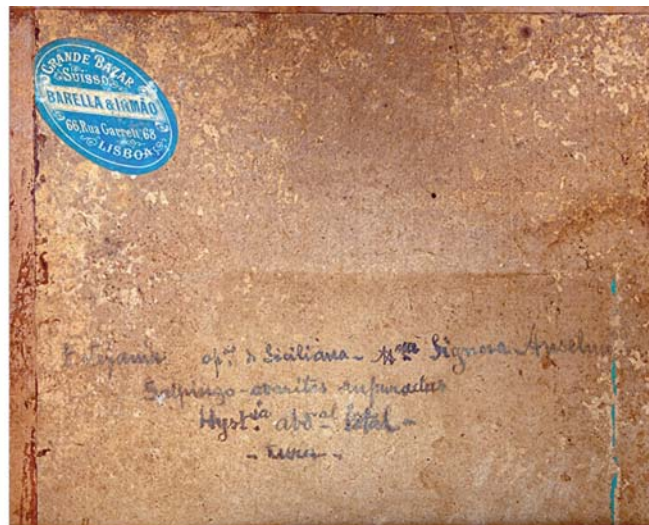
(provavelmente de Custódio Cabeça, visto não ser de Monjardino, como se pode comprovar pelo manuscrito deste publicado no número anterior da Revista Portuguesa de Cirurgia), o seguinte:

Estefania op.^{ao} da Siciliana – M^{me} Signora
Anselmo

Salpingo – ovarites supuradas

Hyst.^{ia} abd^{nal} – total

-cura-



cular o meu amigo Luís Mota Capitão e ali fosse encontrar, emoldurada, uma fotografia com a mesma cena do quadro de António Ramalho, embora tirada de um ângulo ligeiramente diferente. Mas, não havia dúvida: os personagens, a acção e o cenário eram os mesmos. Provavelmente, pensámos, tratava-se de uma operação realizada em Santa Marta, onde Custódio Cabeça fora professor de Clínica Cirúrgica.

Observando melhor verificámos que, no canto inferior esquerdo do “passe-partout”, estava registada a data da fotografia: 1 de Janeiro de 1902. Ora o Hospital de Santa Marta, inicialmente com o nome de Hospital Hintze Ribeiro, só viria a ser inaugurado em 1908 e Cabeça só ali seria colocado em 1911. Onde seria então? Quando se viu o reverso da fotografia muitas dúvidas foram esclarecidas e alguns factos foram revelados. Ali se encontra no canto superior esquerdo, colado sobre o contraplacado, o selo da casa das molduras e na metade inferior, com letra miúda e regular

Assim, tratava-se de uma histerectomia abdominal total e não de uma apendicectomia, como até então se julgara, e a intervenção tinha sido executada no Hospital de D. Estefânia, onde por essa época, e durante muitos anos existiu na enfermaria de Santa Quitéria um serviço de cirurgia de adultos no qual estava colocado Custódio Cabeça. A doente, “M^{me} Signora” Anselmo, tinha uma doença frequente na época, e um pouco anatemizante, cuja única solução era cirúrgica, mas, a mais de quarenta anos da descoberta dos antibióticos, as complicações postoperatórias eram tão correntes e tão graves que a cura figurava como um elemento importante num registo fotográfico.

Assente que se trata de uma histerectomia, este facto vem levantar novos problemas. Numa histerectomia o cirurgião coloca-se do lado esquerdo da doente. Seria, assim, uma operação realizada pelo Dr. Augusto Monjardino ajudado pelo seu Mestre. A atitude de ambos, porém, merece algumas considerações. Se, na fotogra-



fia, cirurgião e ajudante estão numa postura, digamos, neutral, já no quadro se vê o Prof. Cabeça mais activo, mais empenhado, enquanto o Dr. Monjardino parece mais tranquilo. Seria então o Prof. Cabeça o cirurgião, pois, mesmo que se tratasse de uma situação mais complicada que Monjardino tivesse pedido ao mestre para resolver, o discípulo não poderia estar tão sereno. A atitude dos outros médicos e das enfermeiras também não sugere um momento difícil. Ora, para ser o Prof. Cabeça o cirurgião e sabendo-se, pois disso há a certeza, que se trata de uma histerectomia, há que admitir que Cabeça era, no mínimo, ambidextro, pois não é natural fazer tal operação do lado direito da doente se não tiver como preponderante a mão esquerda ou não puder utilizar indiferentemente ambas as mãos. As tentativas que fiz para encontrar descendentes ou familiares do Prof. Custódio Cabeça que pudessem esclarecer esta questão foram infrutíferas. No entanto, esta mera hipótese é reforçada pelo facto de posteriormente ter encontrado duas outras fotografias que retratam a mesma cena, uma pertencente ao arquivo fotográfico do Centro Hospitalar de Lisboa Central, e, outra, publicada em 1936 na Revista de Medicina, Higiene e Hidrologia num número dedicado à vida de Custódio Cabeça. Isto sugere - outra hipótese! - que se trata de uma sessão fotográfica e não de fotografias casuais, sessão que seria destinada a obter um modelo para a pintura de Ramalho. Sendo a fotografia destinada a este fim, Cabeça exigiria certamente que fosse de uma intervenção em que ele figurasse como cirurgião principal. Esta hipótese é compatível com a cronologia dos factos pois a fotografia é de 1902 e as pinturas da Escola Médico-Cirúrgica decorreram entre 1902 e 1906.

Chegamos, assim, ao fim desta pesquisa sabendo quem são os protagonistas, qual a operação, onde foi realizada e a sua data. Só não temos a certeza, entre os dois, Cabeça e Monjardino, qual é o cirurgião e qual é o ajudante. Mas, posso garantir-vos, apesar de não ter conseguido resolver este último ponto, a pesquisa foi muito interessante de realizar, interesse que espero ter sabido transmitir aos nossos leitores.

Para terminar, alguns pormenores curiosos que, ao

mesmo tempo que nos revelam a que distância estamos, em termos tecnológicos, daquela época, nos explicam a frequência com que “o drama operatório” se transformava, então, em “tragédia operatória”, e a coragem que, por essa razão, era necessário os cirurgiões terem. Os cirurgiões e... os doentes.

O que se segue confirma que o progresso é, muitas vezes, feito através de métodos que cem anos depois nos parecem bárbaros. Como seremos vistos pelos nossos colegas cirurgiões do século XXII?

Observe-se, pois, novamente, o quadro de Ramalho e atente-se no seguinte: os cirurgiões não usam máscaras, barretes ou luvas, vestem uma simples bata lavada por cima da roupa e usam sapatos da rua¹. Não há candeeiro cirúrgico de tecto, sendo o campo iluminado pela luz natural proveniente da ampla janela que se vê no fundo. Não há soros endovenosos; o que se vê no último plano são frascos para irrigações e lavagens. Não se vê qualquer aparelho de anestesia; provavelmente seria uma anestesia com éter pelo método de máscara aberta, máscara que teria sido retirada “para a fotografia”.

Não há esfigmomanómetro nem estetoscópio (um dos primeiros estetoscópios teria sido adquirido anos mais tarde por Pulido Valente): a avaliação dos parâmetros vitais limita-se à tomada do pulso, e era ao cirurgião que competia dar ordens para aprofundar ou superficializar a anestesia conforme a cor do sangue que aparecia no campo operatório.

Três notas finais:

- a doente está, como é de regra neste tipo de cirurgia, na posição de Trendelenburg;
- pela posição das roupas que cobrem a doente e das mãos dos cirurgiões percebe-se que se trata de uma incisão baixa, provavelmente a incisão descrita alguns anos antes por Pfannenstiel, professor de Ginecologia alemão que estaria entre nós em 1906 no XV Congresso Internacional de Medicina e que viria a morrer

¹ O uso das luvas tinha sido popularizado por Halsted (1852-1922) nos EUA e a máscara cirúrgica foi provavelmente usada pela primeira vez em 1897 pelo cirurgião polaco Mikulicz-Radecki (1850-1905), discípulo de Billroth.



em 1909 vítima de uma septicémia contraída no decorrer de uma operação

– como sempre, e ainda hoje assim é, as enfermeiras, meticolosas, registam tudo quanto vão observando. Estariam a fazer a “check-list” da época?

Termino agradecendo a quantos, de um ou de outro modo, me prestaram colaboração sem a qual não teria sido possível escrever este artigo:

Antonio Couto (CHLC), Prof. Dr. Caldas de Almeida (Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa – FCM/UNL), Dr. Jorge Penedo (CHLC), Dr. Luis Mota Capitão (CHLC), Prof.^a Dra. Madalena Esperança Pina (FCM/UNL), Manuela Ricoca Nunes (CHLC), Dr. Manuel Salvador (FCM/UNL), Maria Luísa Villarinho Pereira e Dra. Teresa Sustelo.

BIBLIOGRAFIA

Alexandra R. G. Markl – “António Ramalho”. Ed. Inapa, 2004

“Pareceres da Academia Real das Bellas Arte de Lisboa, do Conselho Superior dos Monumentos Nacionaes e do Conselho da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa” – Ed. Do Conselho dos Monumentos Nacionaes – Companhia Typographica – Lisboa – 1902.

“Augusto Monjardino – Princípios de vida e de carreira médica nos Hospitais Civis de Lisboa e na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa” – Revista Portuguesa de Cirurgia – II Série, n.º 14, Setembro de 2010.

Jaime Celestino da Costa – “Um Certo Conceito da Medicina” – Ed. Gradiva, 2001.

Costa Sacadura e Montalvão Machado – “Andanças do Ensino Médico na Capital – do Hospital Real de Todos-os-Santos ao Hospital de Santa Maria” – Separata de “O Médico”, 697, 1965.

Suplemento de “O Século” de 10 de Fevereiro de 1910.

Knut Haeger – “The Illustrated History of Surgery” – Bell Publishing Company – New York – 1990.

AAVV – “Homenagem à Memória do Prof. Custódio Cabeça” – Clínica, Higiene e Hidrologia, Ano II, n.º 12, 1936.

Mendes Fagundes – “A importância do Hospital de Santa Marta na medicina portuguesa” – Boletim Clínico dos HCL, 1987; 44 (3-4): 141-147.



Contacto:
damas-mora@netc.pt



Luiz Damas Mora